

ARTIGOS

A BHAGAVAD-GÎTÂ (III).

JORGE BERTOLASO STELLA

(Continuação).

CAPÍTULO VI.

O Bem-aventurado Senhor disse:

1. — Aquêlé que age sem esperar o fruto da ação, que deve praticar, êsse é asceta e yogin e não aquêlé que renuncia o fogo sagrado e os ritos.

Samnyâsa — renunciador. A palavra indica o quarto e último estado da vida religiosa do Brahmane.

2. — Ó filho de Pandu, aquilo que chamam renúncia, sabe, isto é yoga, sem o propósito de renúncia ninguém se torna yogin.

Êste verso afirma que a atividade disciplinada (yoga) é exatamente tão boa quanto a renúncia (*samnyâsa*).

3. — Para o sábio que deseja subir ao yoga o meio se chama ato, porém para o mesmo que alcança o yoga o meio se chama repouso.

4. — Quando êle não adere aos objetos dos sentidos, nem às ações, tendo renunciado todo o desejo, então se diz que alcançou o yoga.

Manu diz que todos os desejos nascem de *samkalpa* (resolução, propósito, liberação, intenção, pensamento).

O Mahâbhârata reza: “O’ desejo, eu conheço a tua raiz, Tu és nascido de samkalpa, o pensamento; eu não pensarei mais em ti e tu cessarás de existir” (55).

5. — Por meio de si mesmo, eleve-se a si mesmo, não se degrade a si mesmo, o eu na verdade é amigo do eu, o eu na realidade é inimigo do eu. “O eu é o senhor do eu, o eu é o alvo do eu” (56).

6. — Amigo é o eu do eu para aquêle cujo eu é vencido por si mesmo, mas para aquêle que não domina a si mesmo, o eu torna-se hostil comum inimigo.

7. — Aquêle que venceu a si mesmo e é aplacado, o espírito é firme em face do frio e do calor, da felicidade e da infelicidade, como da honra e da desonra.

8. — Aquêle que se regozija na sabedoria, no conhecimento, vencidos os sentidos, imperturbável, unido assim é chamado yogín é igual para êle a terra, a pedra, o ouro.

Kûtasctha — literalmente: colocado em lugar alto, imutável, sem mudança, firme, fixo, tranquilo, imperturbável.

O yogín é chamado yukta ou um yoga, quando êle é concentrado no ser Supremo.

9. — Excelso é o que tem a mente igual para com os companheiros e amigos, inimigos e neutros, imparciais, adversários e parentes bons e também maus.

Outra versão para *viçisiate* — superior, excelso é *vimucyate*, segundo Çâmkara.

10. — O yogín está constantemente unido a si mesmo, num lugar isolado, solitário, controlando a mente e a si mesmo, livre de aspirações e sem possessão.

Rahasi: na solidão. O indivíduo deve procurar um lugar tranquilo, à beira de um rio, na colina, onde possa abrir o seu coração a Deus (57). Orígenes descreve os cristãos, os primeiros eremitas, da seguinte forma: “Eles habitam no deserto, onde o ar é mais puro, o céu mais aberto e Deus mais familiar”.

A prática do yoga era conhecida pela civilização indiana 2.500-1.000 antes de Cristo.

11. — Que êle estabeleça num lugar puro a sede firme para si mesmo, nem muito alto, nem muito baixo, coberto de pano, de pele de kuça, um sôbre o outro.

Kuça — erva especialmente aplicada a diferentes usos litúrgicos.

12. — Fixando aí a mente num ponto, tendo dominado o pensamento, os sentidos, os atos, sentado num assento, pratica o yoga para a purificação de si mesmo.

(56). — Dhammapada, 380.

(57). — Mat. 6:6.

A purificação do coração se obtém pela disciplina. Plotino disse: “A sabedoria é o estado de um ser ao repouso” (58).

13. — Firme, imóvel, mantendo na mesma posição o corpo, a cabeça, o pescoço, veja êle a ponta do próprio nariz sem olhar para outra direção.

A postura, *âsana*, é aqui descrita. Patanjali indica que a postura deve ser firme e agradável para ser um auxílio à concentração. Uma postura conveniente dá ao corpo a serenidade. O corpo deve ser conservado puro se a imagem viva de Deus deve aí habitar, *sampreksya nâsikâgram*. O olhar deve ser fixado sôbre a extremidade do nariz. Um olhar errante não auxilia a concentração.

14. — Mente calma, sem receio, constante no voto Brahmacârî, tendo a mente controlada, unido a mim, absorvido em mim.

Brahmacârivrate sthitah, constante no voto de continência ou castidade, Brahmacârîya se define: ausência de relações sexuais em pensamento, palavras e atos, em tôdas as condições de lugar e de tempo.

15. — Assim o yogín com a mente calma, sempre harmonizado, chega à paz, ao nirvâna supremo, que tem a permanência em mim.

16. — Ora yogín não é o que come muito, nem o que come pouco, nem o que dorme muito, nem também quem vigia, ó Arjuna.

Devemos libertar-nos das tendências de animais. Evitar o excesso em tôdas as cousas.

17. — Para o moderado na nutrição e na distração, moderado no comportamento e nos atos, moderado no sono e na vigília, há uma disciplina que mata a dor.

Yogi — disciplina.

18. — Quando alguém tem a mente subjugada e fixa sômente em si mesmo, separada de todos os desejos, então é considerado disciplinado.

19. — Como a lâmpada colocada ao abrigo do vento não se move, esta é a semelhança lembrada do yogín que domina a mente e aplica o yoga a si mesmo.

20. — Quando a mente é dominada, tranquilizada pela prática do yoga e quando êle vê a si mesmo por si mesmo, em si se alegra.

21. — Aquêle em que êle conhece a suprema felicidade, percebida pela razão, que transcende dos sentidos, onde também está estabelecida, não se separa da verdade.

(58). — Enneades, IV, 4, 12.

Nosso conhecimento por contacto físico ou símbolos mentais é indireto e aproximativo. A religião é uma realização contemplativa de Deus.

22. — Esta conseguida pensa-se não haver outra superior a ela, na qual firmada, dor alguma entretanto pode abalar.

23. — Êste desapêgo da associação consciente com a dor devemos chamar *yoga*, êste *yoga* deve ser praticado com resolução de um coração inquebrantável.

24. — Abandonando inteiramente todos os efeitos produzidos pela imaginação, subjugados também por tôda a parte o conjunto dos sentidos com a mente.

25. — Pouco a pouco com a razão que adquire mais firmeza, se cessa de desejar e tendo o pensamento fixo no próprio eu, não se pensa em outra cousa.

26. — Quando o pensamento é dominado, embora se agite na mobilidade e instabilidade, êle é subjugado dentro do eu.

27. — *yogin* que domina a mente chega a esta felicidade suprema, sua paixão é acalmada, torna-se *Brahman* sem pecado.

O progresso consiste na purificação do corpo, da vida e da mente. Quando o organismo exterior é purificado, a luz ali brilha sem obstrução.

Brahmabhûtam, unido a *Brahman* ou unido a Deus.

28. — Harmonizado assim constantemente o seu eu, o *yogin*, que rejeitou o pecado, goza facilmente a infinita bem-aventurança do contacto com *Brahman*.

Brahmasamparçam: o contacto com o Eterno. Deus não é um simples rumor ou uma aspiração vaga, mas uma realidade viva com a qual estamos em contacto positivo.

29. — O eu que habita em todos os seres também vê todos os seres em si mesmo, aquêle cujo eu é prêso ao *yoga*, olha igualmente tôdas as partes.

30. — Aquêle que me vê em tôda a parte e vê tudo em mim, eu não sou perdido para êle e êle não é perdido para mim.

Êste verso revela a experiência de unidade profunda de tôdas as cousas em um ser amigo que é o Deus pessoal. Único porque é universal. Quanto mais é profunda a experiência do eu, mais larga é a sua compreensão. Uma vez unido ao Divino, nós o somos também com a evolução total da vida.

31. — Quem me adora estando em todos os seres, prendendo-se à unidade, de qualquer maneira êste *yogin* também está em mim.

32. — Ó Arjuna, quem à semelhança de si mesmo vê tudo da mesma maneira ou seja prazer ou seja a dor, êste é considerado um sumo yogín.

Âtma — *aupamya*, significa a igualdade dos outros consigo mesmo.

Arjuna disse:

33. — Êste yoga que por ti é proclamado com imparcialidade, ó matador de Madhu, eu não lhe vejo base estável por causa da mobilidade.

34. — A mente que é móvel, inconstante, impetuosa, violenta, insubmissa, ó Krsna, eu penso que dominá-la é mais difícil do que o vento.

O Bem-aventurado Senhor disse:

35. — Sem dúvida, ó dos grandes braços, difícil é controlar a mente instável, mas pela aplicação, ó filho de Kuntí e sujeição, é dominada.

36. — Quem não domina a si mesmo não obtém o yoga, eis a minha opinião, porém quem domina a si mesmo é capaz de obter com meio adequado.

Arjuna disse:

37. — Aquêles que não é asceta, porém possui a fé e cuja mente é separada do yoga, pois não recebeu a perfeição no yoga, ó Krsna, que fim conseguem?

Krsna da raiz *krs* — raspar, arrancar, porque arranca todos os pecados dos seus adeptos.

38. — Não parece êle como nuvem que se divide, ó dos grandes braços, privado de um e do outro, sem apôio, extraviado do caminho de Brahman?

39. — Ó Krsna, remove esta minha dúvida completamente, outro que tu não há aqui que possa remover esta dúvida.

O Bem-aventurado Senhor disse:

40. — Ó filho de Pârtha, nem aqui, nem no mundo futuro há destruição para êle, aquêles que faz o bem, ó caro, não segue o caminho do mal.

“Para aquêles que se esforça e recomeça, a redenção é sempre possível” Goeth.

41. — Obtido os mundos pela prática da virtude, tendo habitado por numeroso anos, o decaído do yoga renasce numa casa de puros e de prósperos.

Çâçvatih: numerosos, mas não eternos.

42. — Ou então renasce numa família de yogins sábios, porém um nascimento semelhante a êste é muito difícil de ser conseguido no mundo.

43. — Lá êle recebe aquela aquisição da mente que tinha no primeiro corpo e assim mais se esforça para a perfeição, ó Jóia dos Kurus.

44. — Êle, embora relutante, é conduzido por força daquele primeiro hábito; quem deseja também conhecer o yoga vai além da palavra de Brahman.

Brahman, isto é, Veda: *çabdabrahma* — a lei védica. Râmânuja considera *çabdabrahma* equivalente a *prakrti*.

45. — Perseverando assim o yogin com assiduidade, purificado da culpa, aperfeiçoando-se por meio de vários nascimentos, chega à meta suprema.

A *Bhagavad-Gîtâ* dá a fé e a esperança para a redenção de todos.

46. — O yogin é superior aos ascetas, julgado superior aos que têm o conhecimento, o yogin é superior aos que praticam o sacrifício, sê pois um yogin, ó Arjuna.

Karma — aqui é ato ritual, sacrifício.

Jñâna — significa aqui *çâstrapânditya*, a erudição da escritura não a experiência espiritual.

47. — Ora de todos os yogis aquêle que no íntimo de si mesmo, adido a mim, me venera com fé, êste é aquêle que considero o mais devoto.

Nas Upanishadas da Sagrada *Bhagavad-Gîtâ*, ciência de *Brahma*, tratado do Yoga, diálogo entre *Çrî-Krsna* e *Arjuna*, assim é o sexto capítulo, chamado:

O Yoga da meditação.

* *
*

CAPÍTULO VII.

O Bem-aventurado Senhor disse:

1. — Ouve isto, ó filho de Pârthâ, com a mente prêsa a mim, praticando o yoga, apoiado em mim, assim me reconhecerás sem dúvida na inteireza.

2. — Esta sabedoria com a ciência, eu te declararei integralmente, quando a conheceres nada mais resta aqui a conhecer.

O termo *jñâna* é sabedoria, iluminação espiritual direta e *vijnâna* é o conhecimento racional analítico dos princípios da existência.

3. — Entre mil homens um se esforça para a perfeição, mesmo dos perfeitos que se esforçam um talvez me conheça segundo a realidade.

Outra versão: *yatatâm ca sahasrânâm* “e dos melhores daqueles que se esforçam”.

4. — Esta minha natureza se divide em oito partes assim: terra, água, fogo, vento, éter, mente, também razão e consciência do eu.

Prakritih: A natureza identificada com a *çakti* ou *mâyâ*, base do mundo objetivo.

5. — Esta é a minha natureza inferior, conhece porém a superior, elemento vital, ó dos grandes braços, pela qual êste mundo é sustentado.

O Supremo é *Îçvara*, o Senhor pessoal do universo em quem são conhecidas as almas conscientes (*ksetrajna*) e a natureza inconsciente (*ksetra*), tanto um como o outro são considerados como sua natureza superior (*parâ*) e inferior (*aparâ*). Ele é a vida e a forma de todos os sêres. O ser universal de Deus inclui a totalidade do inconsciente na sua natureza inferior e a totalidade consciente na sua natureza superior. A encarnação da alma nos corpos, a vitalidade, os sentidos, a mente e a inteligência, constituem o ego que utiliza o quadro material como um campo da sua atividade. Todo o indivíduo tem dois aspectos: a alma e a sua imagem (*ksetrajña* e *ksetra*). Êstes são os deuses naturais de *Îçra* a que transcendem todos os deuses (VIII, 3, 13). O Antigo Testamento ensina que a criação foi tirada do nada. Platão e Aristóteles atribuem a uma natureza primitiva à qual Deus deu a forma. Assim Deus é um artífice ou um arquiteto antes que um criador, pois a substância primitiva é concebida eterna e incriada e que sômente a forma é devida

à vontade de Deus. Para os pensadores cristãos Deus não criou a partir de uma matéria preexistente, mas a partir do nada. A matéria e a forma são as criações de Deus. Uma concepção semelhante é exposta neste verso. O *jīva* não é senão uma manifestação parcial do Supremo (XV. 7). A realidade integral e indivisa do Supremo aparece divisa na multiplicidade das almas (XII. 16). A unidade é a verdade e a multiplicidade que a exprime é uma verdade de ordem inferior, sem dúvida, mas não uma ilusão. Radhakrishnan. *Bhadem inferior*, sem dúvida, mas não uma ilusão (58a.).

6. — Sabe, esta é a matrizz de todos os sêres, eu sou a origem de todo o mundo, também a dissolução.

“Eu”, isto é, a minha essência transcendental.

7. — Não há nenhum outro superior a mim, ó Dhanamjaya, tudo isto está em mim como uma série de pérolas num fio.

8. — Ó filho de Kuntí, eu sou o gôsto nas águas, a luz da lua e do sol, a sílaba sagrada em todos os Vedas, o som no éter, a virilidade nos homens.

9. — Sou o perfume puro da terra e a luz no fogo, a vida em todos os sêres, scu a ascese nos ascetas.

10. — Reconhece-me, ó filho de Pârtha, a semente eterna de todos os sêres, sou a inteligência dos inteligentes, eu sou o esplendor dos esplendores.

11. — Eu sou a fôrça dos fortes, livre do desêjo e da paixão, ó touro dos Bharatas, nos sêres sou o amor que não se opõe à lei.

Kâmarâga: o desêjo e a paixão. *Çamkara* distingue *kama*, o desêjo daquilo que não se possui e *râga* afeição àquilo que se possui.

12. — Aquelas formas da bondade, da paixão e da ignorância é de mim que procedem: considera-as assim, eu não estou nelas, elas estão em mim.

13. — Desiludido por estas três qualidades, todo êste mundo não me reconhece imperecível, superior a elas.

14. — Esta minha divina ilusão, devido à qualidade da matéria, é difficil de vencer, sòmente aquêles que se refugiam em mim, êstes conseguem superar a ilusão.

“Divina” — *daivî*. Sobrenatural, que pertence ao Senhor Supremo. Râmânuja explica que *mâyâ* aqui, é capaz de produzir efeitos maravilhosos.

15. — Não se chegam a mim os loucos, os homens vís, participantes da natureza dos demônios, cuja ilusão os impedem de conhecer.

16. — De quatro espécies são os homens virtuosos que me adoram, ó Arjuna, o aflito, o desejoso de saber, o desejoso da riqueza e o sábio, ó touro dos Bharatas.

17. — Dêles destaca-se o sábio como sempre sendo devoto a um só ser, eu sou excessivamente caro ao sábio e êle é caro a mim.

18. — Todos êstes são nobres, o sábio porém e considerado a minha própria essência, porque êle está fixado em mim, o mais alto escopo.

19. — No fim de muitos nascimentos o sábio chega a mim, porém é difícil encontrar êste magnânimo que diga assim: “Vásudeva é tudo”.

Vásudevah sarvam. Vásudeva é tudo. Râmânuja interpreta esta frase: “Vásudeva é o meu tudo”, Madhava interpreta: “Vásudeva é a causa de tudo”.

20. — Aquêles cujo conhecimento é ofuscado por êste ou aquêles desêjo, se dirigem a outras divindades, seguindo esta ou aquela regra, determinada pela sua própria natureza.

21. — Qualquer que seja a forma que o devoto procura adorar com fé, sou eu quem lhe inspira esta fé inabalável.

O rei Açoka no Edito XII enaltece tôdas as religiões e recomenda respeito a tôdas elas. Tôda a adoração eleva a alma.

22. — Munido desta fé êle procura propiciar êsse ser e obtém os seus desejos por mim concedidos.

Tôdas as formas são formas do único Supremo. Exemplo de tolerância religiosa, Nazari.

23. — Porém tem limite o fruto dêstes de pouca inteligência, vão aos deuses os que adoram os deuses e vêm a mim os que são devotos a mim.

24. — Os ignorantes pensam em mim, o não manifesto, como sendo manifesto, desconhecem a minha natureza superior, eterna, suprema.

25. — Eu não sou conhecido de todos por estar envolto no yoga ilusório, êste mundo louco não sabe que eu sou eterno, imperecível.

Yoga. Çamkara entende aqui por *yoga* a união dos três guna; para Madhusûdana *yoga* significa samkalpa, a vontade.

26. — Ó Arjuna, eu conheço os seres passados, presentes e futuros, porém a mim ninguém conhece.

27. — Ó filho de Bharata, com a ilusão dos pares, que é o fruto do desêjo e da repulsa, todos os seres da criação caem na confusão, ó conquistador dos inimigos.

28. — Porém aquêles cujo pecado é chegado ao fim, homens de ação pura, êles livres da ilusão dos pares, me adoram firmes no voto.

29. — Aquêles que vêm refugiar-se em mim, fugindo da velhice, da morte, êles conhecem o Brahman, todo, o Supremo e tôda a obra.

30. — Aquêles que me conhecem como identificado com o Supremo ser, com a Suprema divindade, com o supremo sacrificio, também no momento da morte me reconhecem com a sua mente reta.

Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çrî-Krsna e Arjuna, assim é o sétimo capítulo chamado:

O Yoga da sabedoria e do conhecimento.

* *
*

CAPÍTULO VIII.

Arjuna disse:

1. — Que é êste Brahman? que é o supremo espírito? que é a obra, ó melhor dos homens? que é o supremo ser? e que significa a suprema divindade?

Em têrmos filosóficos indianos: que é *Brahman*, que é *Adhyâtma*, que é *Karma*, ó nobilíssimo, que é chamado *Adhiabhûta*, que é chamado *Adhidaiva*? Que é *Adhiyñña* e como nêste corpo, ó matador de Madhû? (59).

2. — Como é feito o supremo sacrificio aqui nêste corpo, ó matador de Madhu? no momento da morte como és conhecido por aquêles que se dominam a si mesmo?

Como te revelas tu na hora da morte às almas espirituais?

O Bem-aventurado Senhor disse:

3. — Indestrutível é o Brahman supremo, sua essência íntima é chamada suprema, a causa da origem da existência dos sêres se chama ato.

Adhyâtma, o senhor do corpo, aquêle que faz as experiências.

(59). — Pizzagalli, *Bhagavad-Gîtâ*, 82.

4. — O plano dos séres é a existência que se escoia e o plano dos deuses é o homem originário, o plano do sacrifício sou eu mesmo aqui, neste corpo, ó melhor dos encarnados.

5. — E aquêlê que no momento da morte se lembra sòmente de mim, abandonando o corpo, êsse assume a minha natureza, nisto não há dúvida.

Alguns traduzem *kalevaram* corpo por cadáver.

6. — Ou ainda, se pensa em qualquer ser, quando no fim se abandona o corpo, passa-se a êste ser, ó filho de Kuntí, sempre absorvido neste mesmo pensamento.

Sadâ tad bhâva bhâvitah: sempre absorvido no pensamento daquela coisa. Isto não é o pensamento acidental do último momento, mas o esforço persistente da vida inteira que determina o porvir.

7. — Portanto, em todos os tempos, pensa em mim e combate, fixa também em mim a mente e a inteligência e a mim virás sem dúvida.

Sarvesu kâlesu, em todos os tempos. E' sòmente graças a êste pensamento contínuo que poderemos nos recordar de Deus no momento crítico, Çridhara.

8. — Com a mente aplicada ao exercício e à disciplina e que não vai a outro, chega ao supremo espírito divino, ó filho de Pârthâ, a quem dirige o pensamento.

9. — Aquêlê que medita sôbre o vidente, o antigo, o soberano, mais sutil que o sutil, o sustentador de tudo, cuja forma transcende tôda concepção, cor do sol, além das trevas.

Kavi sábio, onisciente, vigente, o poeta profeta.

Temos aqui uma descrição não do Absoluto sem relação nem mudança, mas de Íçvara, o Deus pessoal, Vivo, Criador e Rei do cosmo. Êle é a luz oposta às trevas.

10. — No momento da morte, com a mente firme, rico de devoção, unido sòmente à fôrça do yoga, conduzindo o sôpro no meio das sobrancelhas, vai para aquêlê sumo divino Homem.

11. — Êste estado te vou em resumo declarar que os conhecedores dos Vedas chamam indestrutível, em que entram os ascetas livres de paixão e por desejá-lo empreendem voto de castidade.

12. — Tôdas as portas fechadas e a mente concentrada no coração, o sôpro vital firmado na cabeça, concentrado pelo yoga.

O corpo é chamado a cidade das nove portas, V. 13.

As portas se referem aos sentidos.

13. — Proferindo assim o Ôm, a sílaba de Brahman, lembrando-se de mim, quando parte, abandonando o corpo, êle vai à meta suprema.

Ôm, ou *Aum* designa o inexprimível Absoluto.

Esta estrofe do *Çivamahimnastrotra* mostra alguns valores da sílaba *om*: “O’ tu que dás refúgio, com as três letras *a u m*, indicando os *Vedas* (59a.), os três estados (vigília, sonho, sono profundo), os três mundos (terra, atmosfera, céu), os três deuses (Brahmâ, Visnu, Rudra), a palavra *om* te nomeia separadamente. Conjunta com as seus *subtis* (o *nâda*) a palavra *om* nomeia coletivamente tu, o teu estado absoluto transcendente (59b.).

Mâm anusmaram, lembrando-se de mim. Segundo o Yoga Sûtra, o estado supremo pode ser obtido pela adoração a Deus.

14. — Para aquêles que sempre pensa em mim, não se voltando a outro, que é um yogin em disciplina constante, ó filho de Pârtha, eu sou fâcilmente encontrado.

15. — Os magnânimos, vindo a mim, não sujeitos a nascimento, sede da dor e da transitoriedade, obtêm a suprema perfeição.

16. — Os mundos existentes até a morada de Brahmâ estão sujeitos ao retôrno, ó Arjuna, mas quem vem a mim, ó filho de Kuntî, não tem mais nascimento.

Trata-se de Brahmâ masculino concebido como deus, não deve ser confundido com Brahma neutro: o Absoluto.

Todos os mundos estão sujeitos à mudança.

17. — Aquêles que sabem que um dia de Brahmâ dura mil idades, a noite é mil idades, estas criaturas conhecem o dia e a noite.

Esta doutrina da emanação do mundo encontra-se em *Manu*, I, 51, etc.

Yudas dia, idade, período cósmico.

18. — Tôdas as cousas perceptíveis emanam das imperceptíveis ao chegar o dia, chegada a noite elas também são absorvidas naquela chamada não perceptível.

Aqui o imperceptível ou não manifesto é *prakrti*.

(59a.). — (Rev., In., Sv.).

(59b.). — (Str. 27). G. Renato Franci, *La preghiera nelle religioni indiane*, Bologna, 1962, p. 258.

19. — Esta multidão de sêres que nasce repetidamente, chegada a noite contra a vontade se extingue; ao chegar o dia, ó filho de Pârtha, renasce.

Esta emergência e esta dissolução periódica de tôdas as existências não afetam o Senhor de tôdas as existências.

20. — Porém outra é a essência superior a esta, não manifesta, que não perece, eterna, esta não morre, morrendo todos os sêres.

Aviakta literalmente: “indistinto”, “indiscriminado”, é um têrmo que se dá a *prakrti*, no seu estado primitivo, de alguma sorte caótico.

21. — O que se chama não manifesto, imperecível, foi designado como meta suprema, esta é a minha morada mais elevada, os que a alcançam não retermam.

22. — O supremo Homem é êste, ó filho de Pârtha, que é conseguido por devoção, que a outro não é dirigida, em quem estão os sêres e por quem êste mundo todo é permeado.

Idam — êste, êsse, no sentido de universo, mundo.

23. — Ó touro dos Bharatas, declarar-te-ei o tempo quando os yogins, que morrem, vão para não voltar e êste tempo quando vão para voltar.

24. — O fogo, a luz, o dia, a metade clara do mês, os seis meses do curso setentrional, os homens que morreram conhecedores de Brahman vão a Brahman.

25. — O fumo, a noite também a metade da sombra do mês, os seis meses do curso austral, o yogin, que entra nesta claridade lunar, renasce.

Afirma-se que os ancestrais mortos (*pitris*) vivem no mundo da lua e ficam lá até o momento de voltarem para a terra.

26. — Na verdade estas estradas do mundo, a luminosa e a escura, são consideradas eternas, por uma se vai de onde não se volta, por outra de onde se volta de nôvo.

A vida é um conflito entre luz e a sombra. A primeira conduz à libertação, a segunda ao renascimento.

27. — O yogin que conhece êsses caminhos, ó filho de Pârtha, não mais vacila; ó Arjuna, sê pois, em todos os tempos, unido ao yoga.

28. — Qualquer que seja o fruto do mérito assinalado nos Vedas, nos sacrifícios, nas ascèses, nas esmolas, o ultrapassa o li-

gado ao yoga, tudo isto sabendo, chega à morada suprema, primordial.

“Conhecendo isto”, isto é, realizando as verdades nas respostas das sete questões dos çloka ou versos 1 e 2.

Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çri-Krsna e Arjuna, assim é o oitavo capítulo, chamado:

O Yoga do Brahman indestrutível.

* *
*

CAPÍTULO IX.

O Bem-aventurado Senhor disse:

1. — A ti, pois, que não discutes vou revelar êste profundo segrêdo da sabedoria, acompanhado do saber, quando o conheceres, serás libertado do mal.

2. — Esta é a ciência real, o segrêdo real purificador de modo elevado, que se adquire imediatamente, legítimo, fácil de praticar, imperecível.

Râjavidyâ râjagnhyam, literalmente conhecimento real, a maior sabedoria, o maior segrêdo.

3. — Os homens incrédulos desta lei, ó conquistador dos inimigos, não vêm a mim e voltam pelo caminho da morte e dos renascimentos.

Samsâra: transmigração, ciclo, mundança de existência, mundo, etc.

4. Êste mundo é permeado todo por mim de forma imperceptível, todos os seres estão em mim, mas eu não estou colocado neles.

5. — E nem em mim estão os seres, vê a minha magia de Supremo Senhor, sustentador dos seres sem estar nos seres, o meu eu é a causa da existência dos seres.

O instrutor não está inclinado ao panteísmo, o qual afirma que tudo é Deus, mas ao panenteísmo, pelo qual tôdas as cousas têm a sua sub-existência em Deus.

Yoga aqui se traduz por magia, mistério, *yoga* etc.

6. — Como o grande vento está no espaço perpétuamente e vai por tôda a parte, sabe, assim estão todos os sêres em mim.

7. — Todos os sêres, ó filho de Kuntî, ao término do ciclo, passam à natureza que é minha, de nôvo quando começa o ciclo, eu os produzo.

O texto crítico traz *mâmikâm* e não *mâmakim* minha.

8. — Fundado sôbre a minha própria natureza, crio reiteradamente tôda a multidão dos sêres independentemente da sua vontade pela fôrça da natureza.

9. — Estas ações não me prendem, ó conquistador da riqueza, porque sou indiferente e sem ligação com estas ações.

10. — Sob o meu patronato a natureza produz as cousas móveis e imóveis, esta é a causa, ó filho de Kuntî, porque o mundo se desenvolve.

11. — Os loucos me desprezam quando assumo a forma humana, desconhecem a minha essência suprema como grande Senhor dos sêres.

O culto das imagens pode ser empregado como meio para se chegar ao Divino. A não ser isso não tem valor. Na Bhagavata, III, 29, 21, o Senhor disse: “Eu estou presente em todos os sêres, possuindo sua alma, mas, como êles ignoram a minha presença, o mortal se consagra à adoração das imagens” (60).

12. — Vãs são as suas esperanças, vão os seus atos, vão o seu conhecimento, êles são insensatos, tomam a enganosa natureza dos Raksas e dos Ássuras.

Os primeiros são dominados por *tamas* e inclinados a atos de crueldade, os segundos são dominados por *rajas*, e dados à ambição e avidez, etc., (Çridhara).

Raksas — de natureza diabólica, de domônio, espírito maligno; *Ássura*, de natureza diabólica, inimigos dos deuses.

13. — Porém os magnânimos, ó filho de Pârtha, participantes da natureza divina me adoram sem pensar em outro, a mim reconhecem a origem dos sêres, o imperecível.

14. — Sempre me glorificam e se esforçam firmes nos votos, louvam-me com devoção, êles me adoram, sempre senhores de si mesmos.

Jñâtâ — conhecimento, *bhaktyâ* devoção, *nityayuktah* ação. Três palavras que indicam perfeição elevada.

(60). — Radhakrisnan, *Bhagavad-Gîtâ*, 255.

15. — Outros também me oferecem o sacrifício da sabedoria e me adoram como o único, o distinto e o múltiplo, com a face voltada para tôdas as direções.

Çamkara pensa que aqui são mencionadas três classes de adoradores. Para Râmânuja e Madhava se trata de uma só classe. Tilak é de opinião que se trata de sistemas *advaita*, *dvaita* e *vicistâdvaita*.

16. — Eu sou o rito, eu sou o sacrifício, eu sou a oferenda aos manes, eu sou a erva, eu sou a fórmula, eu sou também a manteiga do sacrifício, eu sou o fogo, a libação.

Ausada — erva, simboliza a nutrição de tôdas as criaturas.

Maritra (fórmula) — é um hino do Rig-Veda. Só se encontra aqui. Também se traduz: hino sagrado, fórmula sagrada.

17. — Eu sou o pai dêste mundo, a mãe, o sustentáculo, o ancestral, o objeto do conhecimento, o purificador, a sílaba Om, o Kik, o Sâma e também o Yajur.

18. — Sou o alvo, o sustentador, o Senhor, o testemunho, a habitação, o refúgio, o amigo, a origem, a dissolução, a base, o recipiente, a semente indestrutível.

19. — Eu produzo o calor, eu retenho e derramo a chuva, e sou também a imortalidade e a morte, ó Arjuna, eu sou o ser e o não ser.

Sat é a absoluta realidade, *asat* é a existência cósmica e o Supremo é ao mesmo tempo unha e outra cousa. Râmânuja interpreta *sat* existência presente, *asat* como existência passada e futura.

20. — Os conhecedores dos três Vedas, os bebedores de soma, purificados do pecado, oferecendo-me sacrifício, pedem o céu; tendo êles pela virtude conseguido o santo mundo de Indra, desfrutam no céu os gozos divinos dos deuses.

Tríplice ciência — os três Vedas.

Soma — planta sagrada, usada nos sacrifícios.

21. — Tendô êles gozado êste mundo celeste, ao término do mérito, entram no mundo dos mortais, e assim por terem seguido a tríplice lei, desejando os gozos, êles obtêm o ir e o voltar.

22. — As criaturas que pensam em mim e não em outro, me adoram, sempre unidos a mim, eu lhes dou a aquisição e a conservação.

23. — Quando aquêles que devotos a outras divindades oferecem sacrifício com fé, é ainda a mim, ó filho de Kuntî, que oferecem um culto irregular.

O autor da *Bhagavad-Gîtâ* acolhe a luz de qualquer lado do céu que ela venha. Ela tem direito de brilhar porque é luz.

24. — Eu sou o senhor e o desfrutador de todos os sacrificios, mas eles não me reconhecem segundo a essência, por isso caem.

25. — Os devotos aos deuses vão aos deuses, os devotos aos ancestrais vão aos ancestrais, os que sacrificam aos espíritos, vão aos espíritos, porém os que sacrificam a mim na verdade vêm a mim.

Bhûta, criatura, espírito, demônio.

26. — Uma fôlha, uma flor, um fruto, a água, que me é oferecida com devoção, eu aceito, esta é a piedosa oferta de um coração submisso.

27. — Qualquer coisa que faças, que comas, que sacrifiques, que dês, austeridade que pratiques, ó filho de Kuntî, isto faz oferecendo a mim.

28. — Serás livre dos bons e maus frutos, que são os liames da ação, com ânimo dedicado à renúncia e à disciplina, livre, virás a mim.

29. — Eu sou o mesmo para todos os seres, ninguém me é odiado, nem querido, mas aqueles que me adoram com devoção estão em mim e eu também estou neles.

Deus não tem amigo, nem inimigo, Ele é imparcial.

30. — Mesmo se alguém de má conduta me adora e não a outro, esse deve ser considerado um santo, porque ele resolveu retamente.

“Abandonando os caminhos maus da sua vida exterior e pela força de sua resolução interior”, Çamkara, Cf.: “Se ele se arrepende depois de ter cometido o pecado, ele é livre do pecado; se ele decide não mais cometer esse pecado, ele será purificado”.

31. — Torna-se rapidamente alma justa e obtém a paz eterna, ó filho de Kuntî, quem é devoto a mim não é destruído.

32. — Ó filho de Pârtha, aqueles que se refugiaram em mim, sejam de nascimento vil, mulheres, vaiçayas, também çudras, eles chegam à meta suprema.

A mensagem da *Bhagavad-Gîtâ* é para todos, sem distinção de raça, de sexo ou de casta. É o Evangelho do amor.

Pâpa — *yonayah* — pecado cometido em outras existências (Pizzagali).

vaiçaya — casta dos agricultores e mercadores.

çudra — casta dos servos.

33. — Que dizer dos santos brahmanes e devotos e dos reis ascetas? Tendo pois nascido neste mundo instável e infeliz, adora-me.

Anityam asukham lokam: mundo impermanente e doloroso.

34. — Pensa em mim, unido a mim, sacrifica a mim, adora-me, havendo assim disciplinado a ti mesmo, virás a mim, tendo-me como o supremo alvo.

Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çri-Krsna e Arjuna, assim é o nôvo capítulo, chamado:

O Yoga do real conhecimento e do real mistério.

* *
*

CAPÍTULO X.

O Bem-aventurado Senhor disse:

1. — Ouve ainda, ó guerreiro dos grandes braços, a minha suprema palavra, a qual a ti, que eu amo, declaro, porque desejo o teu bem.

Priya-mânâya se traduz também: “a ti que és o meu bem amado”.

2. — Nem a multidão dos deuses, nem dos grandes videntes conhecem a minha origem, eu sôu o princípio dos deuses e dos grandes videntes, inteiramente.

3. — Aquêlê que a mim conhece, grande Senhor do mundo, sem nascimento e sem origem, livre da ignorância entre os mortais, êsse se livra de todos os pecados.

4. — O intellecto, o conhecimento, o não apêgo, a paciência, a verdade, o domínio de si mesmo, a calma, o prazer, a dor, a existência e a não existência, o temor e também a coragem.

Çama — a calma, a paz do espírito.

5. — Abstenção do mal, a igualdade, o contentamento, a austeridade, a liberdade, a honra e a desonra, são os diferentes estados procedentes também de mim.

Ahimsá: não violência, não fazer mal a ser algum, não desejar matar. Só se encontra quatro vêzes: aqui; XIII, 7; XVI, 2; XVII, 4 e não se encontra no Rig-Veda.

6. — Os sete grandes videntes antigos e os quatro Manus são nascidos de mim como entidades espirituais e dêles estas criaturas do mundo.

7. — Aquêlê que conhece realmente esta glória e o yoga que estão em mim, êle está unido pelo yoga inalterável, nisto não há dúvida.

O têrmo *vibhûti* glória, penetrado de poder etc.

O têrmo *yoga* poder místico, magia etc.

8. — Eu sou a origem de tudo, tudo procede de mim, sabendo isto os sábios me adoram, cheios de afeto.

9. — Com o pensamento voltado para mim, com os espíritos concentrados em mim, iluminam-se um ao outro, falam de mim sempre e estão contentes e alegres.

10. — A êsses sempre unidos, que me adoram com louvor, dou êste yoga da sabedoria pela qual êles vêm a mim.

Buddhiyoga é a fôrça graças à qual o discípulo adquire a sabedoria que lhe faz perceber o um em tôdas as formas transitórias.

11. — Por compaixão dêles, habitando no seu próprio ser, eu dissipo as trevas, surgidas da ignorância, com a lâmpada luminosa do conhecimento.

Arjuna disse:

12. — O supremo Brahman, a suprema purificação, o eterno Homem, o primeiro deus, o Senhor sem nascimento.

Purusa no seu sentido primitivo é masculino, macho. Na *Bhagavad-Gîtâ* é o espírito animador, Espírito Supremo.

13. — Chamam todos os videntes, o divino vidente Nârada, Asíta, Devâla, Vyâsa e também tu mesmo m'ô disseste.

Nârada é o chefe dos gandharvas, segundo a lenda é o inventor do alaúde.

14. — Considero ser tudo isto verdade, porque m'ô disseste, ó Keçava, aqui, ó Bem-aventurado, nem os deuses, nem os Dânavas conhecem a tua manifestação.

15. — Tu te conheces a ti mesmo por ti mesmo, ó Homem supremo, fonte dos sêres, Senhor das criaturas, Deus dos Deuses, Regedor do mundo.

16. — Digna-te dizer-me sem reserva, porque divinas são as múltiplas variedades do teu ser, sob que múltiplos aspectos tu penetras este mundo, onde habitas.

17. — Como posso eu conhecer-te, ó yogi, por constante meditação? Em que, aspecto deves ser considerado por mim, ó Bem-aventurado?

18. — Fala-me de nôvo minuciosamente, ó matador dos homens, do teu yoga e da tua glória, não me saciarei da tua ambrósia.

O Bem-aventurado Senhor disse:

19. — Bem, dir-te-ei as minhas formas divinas, as principais, ó melhor dos kurus, pois é sem limites a minha extensão.

20. — Eu sou o espírito, ó Gudakeça, que está no coração de todos os seres, eu sou o primeiro, o meio e também o fim dos seres.

21. — Dos Âdityas eu sou Visnu, dos luminares sou o sol radiante, dos Mariçis sou Marut, dos astros sou a lua.

Eram estes doze filhos de Âdity, mãe dos deuses, personificação do espaço eterno e do infinito.

Os Âdityas são os deuses védicos.

22. — Dos Vedas sou o Sâmaveda, dos deuses sou Vâsara, dos sentidos sou a mente, dos seres sou o intelecto.

O Sâmaveda é mencionado como principal dos Vedas por causa da sua beleza musical.

Vâsava — Indra.

23. — Dos Rudrâs sou Çamkara, dos Yaksâs e Raksara sou Vitteça, dos Pâvatas sou Vasei, dos cumes sou eu o Meru.

Vitteça — Senhor das riquezas (Kubera).

Pârata — Agni, Fogo, Deus do fogo.

Meru — é o Olimpo indiano, montanha mítica em tórno da qual giram os planetas.

24. — Ó filho de Pârtha, reconhece-me Brhaspati e o principal dos sacerdotes, dos comandantes do exército sou eu Skanda, das águas sou o oceano.

25. — Dos grandes videntes eu sou Bhrgu, das palavras sou a sílaba única, das oferendas sou a meditação silenciosa, das causas firmes sou o Himalaya.

26. — Dentre tôdas as árvores sou Açvattha e dos Devarsis sou Nârada, dos Gandharvas sou Çittaratha, dos Siddhas sou o asceta Kapila.

Devarsis — divinos videntes.

Siddhas — perfeitos.

Kapila — autor da filosofia Sâmkhya.

27. — Dentre os cavalos sabe sou *Ucchhṛavas*, nascido da ambrósia, dos reis dos elefantes sou *Airâvata* e dos homens o monarca.

Ucchhṛavas — cavalo de Indra.

Airâvata — elefante de Indra.

28. — Das armas sou o raio, das vacas sou *Kâmadhuk* procriador, das serpentes sou *Vâsuki*.

Kandarpa — Deus do amor, amor.

Vâsuki — serpente, serpente rei.

29. — Dentre os *Nâgas* sou *Amanta*, dos seres marinhos eu sou *Varuna*, dos ancestrais sou *Aryaman*, entre os atormentadores eu sou *Yama*.

30. — Dentre os *Daityas* sou *Prahlâda*, dos cálculos eu sou o tempo, dos animais sou o rei dos animais e dos pássaros eu sou *Vinatâ*.

Daityas — Titans.

Vinatâ — mãe de Garuda, rei dos pássaros.

31. — Dos purificadores sou o vento, dentre os guerreiros eu sou *Râma*, dos peixes sou o monstro marinho, dos rios sou *Jâhnavî*.

Maraka — sobre êle o deus das águas atravessa o oceano.

Yahuu — *Jâhnavî* — Ganges. O Ganges é mencionado uma só vez no Rig-Veda.

32. — Eu sou o princípio, o meio e o fim da criação, ó Arjuna, das ciências sou a ciência do eu, dos que disputam eu sou a dialética.

Adhyâtmavidyâ vidyânâm, das ciências, eu sou a ciência do eu. Dos que disputam eu sou a dialética ou, como traduz Vecchiotti, dos que falam eu sou a diálogo. A ciência do eu é aquela que conduz à bem-aventurança.

33. — Das letras sou o A, e dos compostos sou o dual, sou o tempo imperecível, eu sou também o criador com as faces para tôdas as direções.

O dual simboliza a união do espírito com a matéria.

34. — Eu sou a morte que tudo arrebatou, sou a origem das coisas futuras, entre as mulheres sou a fama, a prosperidade, a palavra, a memória, a inteligência, a constância, a paciência.

35. — Dentre os hinos eu sou Brh̄tsāman, dos metros sou Gāyatrī, dos meses eu sou Mār̄gaçirsa, das estações sou as flôres.

Gāyatrī — neste metro está escrito o hino III, 62 do Rig-Véda.

Mār̄gaçirsa — novembro-dezembro.

Kusumākara — a primavera.

36. — Dos enganadores sou o jôgo, eu sou dos esplendores o esplendor, sou a vitória, a resolução, eu sou a bondade dos bons.

37. — Dos Vrsni sou o filho de Vāsudeva, dos Pândavas sou Dhanañjaya, dos ascetas eu sou Vyâsa, dos poetas Kavi sou o Uçana.

Uçanâ — poeta místico, autor de um código de leis.

38. — Dos punidores sou o castigo, dos ambiciosos a política, dos segredos sou o silêncio, dos sábios eu sou a sabedoria.

39. — Além disso qualquer que seja a semente de todos os seres, ó Arjuna, eu sou, sem mim não pode haver criatura móvel ou imóvel.

40. — As minhas manifestações divinas não têm fim, ó conquistador dos inimigos; revelei-te, como exemplo, a grandeza da minha manifestação.

41. — Sabe tu que qualquer ser que possua majestade, prosperidade ou poder, traz também a origem de uma parte do meu esplendor.

42. — Mas, ó Arjuna, que necessidade tens de conhecer este pormenor? Eu estou neste mundo todo, permeando-o com uma parcela de mim mesmo.

Ekâmçena: de uma simples fração. Só se encontra neste verso. Não que a unidade divina seja dividida. Este cosmo é uma revelação parcial do infinito, sua luz é um raio do esplendor divino. A luz transcendente do Supremo tem o seu domínio além do cosmo, além do tempo e do espaço.

Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çrí-Krsna e Arjuna, assim é o décimo primeiro capítulo, chamado:

O Yoga das manifestações.

CAPÍTULO XI.

Arjuna disse:

1. — Êste discurso do supremo segrêdo, chamado Espírito supremo, o proferiste por compaixão de mim, por êle dissipou-se esta minha cegueira.

2. — Entendi em pormenor o nascimento e a morte dos sêres, ó tu de olhos como pétalas de lôto, e também a tua majestade imperecível.

3. — Tu falaste assim de ti mesmo, ó sublime Senhor, desejo ver a tua forma divina, ó Homem supremo.

Uma cousa é saber que o espírito eterno habita em todos os sêres, outra é ter a visão. Arjuna deseja ver a forma universal, encarnação visível do Invisível Divino. Ele quer ver como é “o nascimento e a morte de todos os sêres” (X; 8.). Tôda a verdade metafísica, abstrata deve confinar com uma realidade visível.

4. — Se pensas, ó Senhor, que possas ser visto por mim, então, ó Senhor do yoga, mostra-me o teu ser imperecível.

O Bem-aventurado Senhor disse:

5. — Vê, ó filho de Pârtha, a cem e a mil as minhas formas diversas em gênero, divinas, de côres diversas e de vários aspectos.

Arjuna vai contemplar, na medida do possível, a revelação do Ser Supremo.

Na Mahâbhârata (VI, 131), se diz que Krsna appareceu na sua forma objetiva a Duryodhana.

A história da experiência religiosa demonstra o grande número de visões.

A Transfiguração de Cristo (61), a visão de Paulo, no caminho de Damasco (62), a de Constantino que viu a cruz com esta divisa: “Por êste sinal tu vencerás”, a de Joana d’Arc, etc.

6. — Vê os Âdityas, os Vasus, os Rudras, os dois Açvis, também os Maruts, contempla as outras maravilhas antes não vistas, ó filho de Bharata.

7. — Contempla aqui hoje o mundo inteiro, móvel e imóvel e aquilo que desejas ver, ó Gudakeças, unificado no meu corpo.

8. — Ora não podes ver-me com os teus próprios olhos, dou-te um ôlho divino, vê o meu soberano yoga.

(61). — Marcos 9: 2-8.

(62). — At. 9: 1-8.

Ôlho algum de carne pode ver esta forma soberana. O ôlho humano não é feito para tal excesso de luz. Os olhos humanos não podem ver senão as formas exteriores; a alma íntima só vê pelo ôlho do espírito. Há um tipo de conhecimento que podemos adquirir por nosso esforço: conhecimento fundado sobre a atividade dos sentidos e elaboração intelectual. Outro conhecimento é possível quando estamos sob a influência da graça, ela é a percepção direta das realidades espirituais. A visão divina é um dom de Deus.

Divya cakçus — é o ôlho de anjo, enquanto que *mâmisa çakçus* é ôlho da carne.

Samjaya disse:

9. — Tendo assim falado, ó rei, Hari, o grande Senhor do yoga, revelou ao filho de Pârtha a sua suprema forma divina.

Hari só é citado duas vezes: aqui e no capítulo XVIII: 77.

E' a transfiguração de Krsna em que Arjuna vê tôdas as criaturas do céu e da terra unidas na forma divina.

10. — Com múltiplas bôcas e olhos, com inúmeros aspectos maravilhosos, com múltiplos ornamentos divinos, brandindo as múltiplas armas divinas.

Anekavaktranayanam — bôca e olhos múltiplos. Ele vê tudo e devora tudo.

As descrições do Ser Eterno ou Universal encontram-se, na *Purusha Sukta* (62a,).

11. — De grinaldas e vestes divinas, de perfumes e unguentos divinos, Deus era todo maravilhoso, infinito com as faces voltadas para tôdas as bandas.

12. — Se a luz de mil sóis brilhasse ao mesmo tempo no céu, ela seria semelhante ao esplendor dêste ser sublime.

13. — O mundo todo aí com suas classes múltiplas, presos em unidade, mostra-se então ao filho de Pându, no corpo do Deus dos deuses.

Arjuna tem a visão do Um no múltiplo e do múltiplo em Um.

14. — Então êle, conquistador das riquezas, penetrado de assômbro, os pelos eriçados, inclinando a cabeça, prostrou-se diante de Deus, com as mãos postas e disse:

(Numa agonia de terror religioso, Arjuna adora).

Arjuna disse:

15. — Vejo, ó Deus, em teu corpo todos os deuses, as legiões diversas de todos os seres: Brahmâ, o Senhor sobre a sede de lotus e de todos os santos e as celestes serpentes.

16. — De tôdas as partes vejo a tua forma infinita com inúmeros braços, ventres e olhos, mas não vejo o teu fim, nem o meio, nem o princípio, ó Senhor do universo, ó forma universal.

17. — Vejo o diadema, clava e disco, a massa luminosa que irradia esplendor por tôda a parte, difícil de ser contemplada, resplandecendo por tôda a parte como o fogo e o sol, incomparável.

18. — Tu és o imperecível supremo que é preciso conhecer, tu és o supremo apôio de todo o universo, tu és o eterno guardião da lei antiga, para mim, penso tu és o sempiterno Homem.

Aksaram — imperecível, Arjuna declara que o Ser Supremo é ao mesmo tempo Brahman, *Îçvara*, O Absoluto e o Deus manifesto.

Çâsvatadharmagoptâ: guardião imortal da lei eterna. *Abhinavagupta* adota a variante *sâttvatadharmagoptâ* — guardião do dharma *sâttvata*.

19. — Vejo-te sem princípio, sem meio, sem fim, infinitamente poderoso, com os braços sem limites, a lua e o sol são os teus olhos, o rosto resplandescente de fogo, o teu clarão ilumina este universo.

20. — O espaço entre o céu e a terra por ti só é preenchido e tôdas as regiões, depois de terem visto esta forma prodigiosa e a sua enormidade, tremem os três mundos, ó Todo Poderoso.

21. — Em ti entram estas multidões de deuses, alguns atterrados, outros com as mãos postas, te exaltam: “Salve”, dizem as multidões dos videntes e dos perfeitos e te adoram com cântico de louvor.

22. — Os Rudras, os *Âdityas*, os *Vasûs*, os *Sâddhyas*, os *Viçvas*, os dois *Açvis*, os *Maruts*, os *Manes*, os *Gandharvas* e os *Saksas*, os *Asuras*, os *Sidhas*, todos assim te contemplam admirados.

Usmapa — os que absorvem o fumo dos manjares, *Manes*.

23. — Os mundos e eu também, ó guerreiro dos grandes braços, estamos atterrados em ver a tua forma imensa com muitas bocas e olhos, com muitos braços, coxas e pés, muitos ventres e muitos dentes terríveis.

E' uma exageração poética que mostra a universalidade e a onipresença do Supremo.

24. — Ó *Visnu*, ao ver-te tocar o céu, brilhando com vivas côres, com a boca aberta, com os grandes olhos abrazados, estou terrorificado no meu íntimo e não encontro ânimo, nem paz.

Vishnu é citado três vêzes: aqui, no verso 30 e no capítulo X:
21.

25. — Ao ver tua bôca com dentes terríveis semelhantes ao fogo destruidor do tempo, não sei onde encontrar refúgio, tem piedade, Senhor dos deuses, ó habitação do mundo .

Kâlânala — literalmente — o fogo do julgamento final. Fogo da destruição universal.

26. — Eis que todos os filhos de Dhrtarâstra e com os soberanos da terra e também Bhîsma e Drona e o filho do cocheiro, juntamente com os nossos comandantes de guerra.

Sûtaputras — filho de cocheiro (Karna).

27. — Precipitam-se a entrar nas tuas bôcas de dentes terríveis, horrendos, alguns aparecem suspensos entre os dentes, com as cabeças esmagadas.

28. — Como os muitos cursos de água dos rios correm impetuosas para o Oceano, assim êstes heróis no mundo dos homens entram nas tuas bôcas flamejantes.

29. — Como as mariposas, aumentando de velocidade, se lançam no fogo para morrer, assim também êstes homens rápidos se precipitam nas tuas bôcas para a destruição.

30. — Devorando todos os mundos de tôdas as partes com tuas bôcas flamejantes, os engoles, os teus raios flamejantes enchem o imenso universo e o consumes com o teu ardor furioso, ó Visnu.

31. — Dize-me quem és tu, sob esta forma terrível, glória a ti; ó Deus Supremo, desejo conhecer-te, ser primordial, porque não compreendo o teu agir.

O Bem-aventurado Senhor disse:

32. — Sou o tempo, destruidor dos mundos, amadurecido, empenhado em reunir os homens aqui, mesmo sem ti, todos êsses guerreiros, colocados em exército inimigo, não mais existirão.

Loka — mundo; *lokân* — mundos, homens.

Kâla o tempo é o motor primeiro do universo. Só Deus é conhecido como o tempo, Êle cria e distrai perpétuamente. O tempo é o curso de um flux que se move sem parar.

33. — Então levanta-te, conquista a glória, vencidos os inimigos, goza um próspero reino; há muito êles foram mortos por mim, ó Savyasâçin, sê tu mero instrumento.

Savyasâcin — que tira o arco com as duas mãos, ambas as mãos, ambidestro.

O autor parece sustentar aqui a predestinação divina:

34. — Drona, Bhîsma Yayadratha e também Karna e outros heróis, por mim já foram mortos, fere-os, não temas, combate, vencerás os rivais na batalha.

Samjaya disse:

35. — Tendo ouvido estas palavras de Keçava, Kirîti, tremendo com as mãos postas prostrou-se apavoradíssimo e gaguejando falou novamente a Krsna.

Rudolf Otto menciona esta cena para exemplificar o officio do numinoso, do *mysterium tremendum* em religião. Nêste modo se apresenta o aspecto transcendente de Deus.

Kirîti — Arjuna.

Arjuna disse:

36. — É justo, ó Hrsîkeça, considerada a tua magnificência, que o mundo se regozige e se alegre; os Raksas apavorados fujam para tôdas as partes e os perfeitos em multidões te glorifiquem.

37. — Como não te adoram, ó magnânimo, maior do que Brahmâ, autor original? Ó infinito, Senhor dos deuses, em quem o mundo habitas, tu imperecível, o ser e o não ser e aquêl que está além.

Âdikartr — Tu és o criador primordial ou ainda tu és o criador mesmo de Brahmâ.

Jagannivâsa — refúgio do universo. Deus em quem o universo reside.

38. — Tu és o Deus primordial, o Homem antigo, és dêste mundo sempre a base, és o conhecedor e que deve ser conhecido, és a suprema sede, tu permeias o universo, ó forma infinita.

39. — És Vâyu, Yama, o Fogo, Varuna, a Lua, Prajâpati, o progenitor, honra a ti, mil vêzes honra e ainda honra.

Çaçâúkah — a lua.

Em outra versão Prajâpati é progenitor de tudo.

40. — Honra a ti pela frente, honra também por detrás, de tôdas as partes, tu és tudo, que tens o poder infinito, a glória incomensurável, penetras tudo, porque és tudo.

41. — Tomei-te também por um amigo, sem refletir te disse: ó amigo Krsna, ó Yâdava, ó amigo, ignorava esta tua grandeza, perdoa-me, ó incomensurável, aquilo quem te disse por distração ou por afeto.

Tavedam — tua grandeza, *varia lectio tavemam*.

42. — Se por gracejo não te tratei com honra, em ocasião de vestir, beber e comer, que estivesse só ou em companhia destes, ó inabalável, eu te peço perdão, ó infinito.

A visão de Deus imprime um profundo sentimento de indignidade e de pecado. Ao ter Isaias visto o Senhor sôbre o trono, disse: “Ai de mim que vou perecendo porque e usou um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo impuro de lábios e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos” (63).

Gururgarîyan. Alguns MSS trazem *gurorgarîyan*. O texto de Madhusûdana e alguns outros MSS têm *gurur* que significa um “mestre”. Thomson traduziu “do que *Guru* mesmo” significando Brahmâ. O comentario de Çridhara tem *guror*, mas no texto está *gurur* e explica com *gurutara* = mais venerável.

43. — Tu és o pai do mundo móvel e imóvel, és o mestre notável e muito digno de honra, ninguém é igual a ti, quem te será semelhante nos três mundos, ó incomparável em grandeza?

44. — Inclinando-me então e prostrando o meu corpo diante de ti, Senhor adorável, eu peço a tua graça; possas, ó Deus, suportar-me como um pai ao filho, o amigo ao amigo, sê clemente.

Deus como pai é uma concepção familiar entre os hindus. O *Rig-Veda* escreve: “Sê próximo a nós como um pai para seu filho, habita conosco, ó Senhor, resplandecendo e abençoando-nos” (I, 1, 9).

O *Yajur Veda* diz também: “O’ Senhor tu és nosso pai, instrui-nos como um pai” (XXXVII, 20).

No Velho Testamento se encontram as mesmas idéias. No ensino de Cristo a idéia de Deus como Pai é central. Jesus emprega a palavra Pai, referindo a Deus, 171 vezes.

45. — O que vi ninguém jamais viu e me regozijo, mas o meu coração treme de medo. Mostra-me, ó Deus, a tua outra forma, Graças Senhor dos deuses, morada do universo.

46. — Eu desejo ver-te com o diadema, a clava, o disco na mão, retoma à tua forma com quatro braços, ó tu que tens mil braços e a forma universal.

Kṛṣṇa é a encarnação de Visnu.

O Bem-aventurado Senhor disse:

47. Ó Arjuna, por meu favor e poder mágico, mostrei-te esta forma suprema, luminosa, universal, infinita e original, que ninguém, exceto tu, jamais viu.

48. — Nem pelos Vedas, nem pelos sacrifícios e estudos, nem pelos dons, nem pelas práticas, nem pelos ascetismos severos, eu posso ser visto, no mundo dos homens, nesta forma em que me viste, ó herói Kuru.

49. — Não te turbes, não te confundas, ao ver esta minha forma terrível, cessa o terror, acalma o coração, vê tu novamente esta minha forma.

Samjaya disse:

50. — Assim falou à Arjuna o filho de Vāsudeva e lhe faz ver de novo a sua própria forma e êle acalmou os seus temores, tomando novamente aspecto gracioso, ó magnânimo.

Arjuna disse:

51. — Ó Janârdana, vendo a tua forma humana graciosa, volto a mim e tomo a minha natureza normal.

O Bem-aventurado Senhor disse:

52. — Esta forma difícil de ver a viste e os próprios deuses são sempre desejosos de a contemplar.

53. — Nem pelos Vedas, nem pelo ascetismo, nem pelos dons, nem pelo sacrifício, eu posso ser visto como me viste.

54. — Mas com a devoção, que exclui qualquer outro, pode-se me conhecer, ó Arjuna, e ver como eu sou realmente e entrar em mim, ó conquistador dos inimigos.

Çamkara define o devoto ideal: aquêlê que percebe um único objeto, Deus, por meio de todos os seus sentidos. Êle adora a Deus de todo o seu espírito e de todo o seu corpo.

Sâksât-kara — percepção direta da forma divina é possível ao verdadeiro místico do amor.

55. — Ó filho de Pându, aquêlê que pratica obras para mim, que me considera seu alvo, que me é devoto, livre de apêgo e de inimizade para com todos os sêres, êsse vem a mim.

Os comentadores indianos dizem ser êste verso a quinta-essência da *Bhagavad-Gîtâ*.

Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çrí-Krsna e Arjuna, assim é o décimo primeiro capítulo, chamado:

A visão da forma universal.

(Continua).